

4

“Independence Day” e “O dia depois de amanhã”

4.1

Emmerich: Uma breve biografia

Nascido em 1955, Emmerich começou sua carreira na Alemanha, seu país de origem. Durante a juventude, foi pintor e escultor. Quando se inscreveu no programa de diretores da faculdade de cinema de Munique, seu filme “The Ark Principle” foi escolhido para a abertura do Festival de Cinema de Berlim em 1984. O filme se tornou um grande sucesso e foi vendido para mais de 20 países.

Em seguida, Emmerich fundou sua própria companhia produtora, a Centropolis Film Productions e, sob este selo, passou a produzir seus filmes. Seu filme seguinte foi “Joey - Fazendo Contato (Making Contact)”, sobre um menino que sofre com a morte do pai e encontra uma forma de se comunicar com ele através de seus brinquedos. O filme mostra a grande experiência do jovem cineasta com os efeitos especiais e sua propensão a usá-los e garantiu-lhe o apelido de “Pequeno Spielberg Alemão”.

Depois produziu “A Caça aos fantasmas” (Ghost Chase), uma comédia que escreveu com Oliver Eberle sobre dois jovens fanáticos por cinema e a luta pelo sucesso em Hollywood. Emmerich também foi produtor de “Pacto de silêncio (Eye of the storm)”, estrelado por Dennis Hopper. Seguiu dirigindo o filme futurista de ação e aventura, “Estação 44 - O refúgio dos exterminadores (Moon 44)” que escreveu com Oliver Eberle, estrelado por Michael Pare, Malcolm McDowell, Lisa Eichhorn e Dean Devlin.

Em Hollywood, sua carreira inclui filmes como “Universal Soldier” (1992), “Stargate” (1994), “Independence Day” (1996), “Godzilla” (1998), “The Patriot” (2000) e “The Day after tomorrow” (2004). O único que não pertence ao gênero de ficção científica é “The Patriot”. Ainda assim, todos eles tem, em comum, uma obsessão com a relação entre povo americano, patriotismo e governo.

"Independence Day" conseguiu fazer enorme sucesso, mostrando impressionantes efeitos especiais produzidos por menor custo, o que talvez tenha despertado a ira de alguns. O filme foi acusado de ser militarista e paranóico, pela crítica. Seu filme seguinte, "Godzilla", relativa decepção de bilheteria, já mostrava uma caricatura de Rudolph Giuliani, na caracterização de um prefeito demagogo proclamando num comício que Nova York nunca foi tão segura, enquanto o dinossauro gigante acaba de dobrar a esquina. Em "O Patriota", parceria com Mel Gibson, Emmerich faz nova guinada à direita, e novamente é fulminado pela crítica. EM 2004, o cineasta resolveu aderir ao ideário democrata: nas entrevistas para o lançamento de "O Dia Depois de Amanhã", passou-se por um autêntico americano progressista indignado e pediu um futuro para a Terra livre de aquecimento global e George W. Bush. O filme é uma aula de efeitos visuais e montagem, mas o enredo é uma peça de propaganda democrata em ano de eleição: o presidente dos EUA no filme é naturalmente um republicano perdido e desinteressado (uma caricatura óbvia de Bush), manipulado por um vice-presidente diabólico e desumano (Cheney, vivido por um ator que lhe é praticamente um sócio).

Em 2005, Emmerich foi o presidente do Festival Internacional de Cinema de Berlim. Uma observação importante a se fazer sobre Emmerich é que ele consegue uma relativa autoralidade em sua obra. Ele escreve os roteiros, produz e dirige os próprios filmes, num grau de envolvimento que não é comum nos filmes de grande orçamento norte-americanos. Esse comprometimento com a obra como um todo torna seus filmes mais autorais e aproxima o discurso do filme do discurso de seu idealizador.

4.2

Independence Day

Estamos em 1996. O mundo ainda absorve as transformações do fim da União Soviética e a unificação da Alemanha. Nos Estados Unidos, o governo do democrata Bill Clinton gozava de estabilidade e de uma forte crescimento econômico. Por todo o mundo, começavam as negociações e debates a respeito de novos blocos econômicos como Nafta, Mercosul e União Européia.

Nesse cenário, Roland Emmerich retoma um tema abandonado no gênero de ficção científica desde “Predador” (1987): Os invasores do espaço. A mitologia do alienígena superior que pretende destruir nosso modo de vida parecia anacrônica diante da realidade do mundo globalizado. No entanto, “Independence Day” tornou-se a 13ª maior bilheteria da história do cinema mundial, arrecadando 817 milhões de dólares.

“Independence Day” começa com cenas dos vestígios da presença humana (lê-se norte-americana) na lua. A placa comemorativa assinada pelos astronautas, a base do módulo lunar, a bandeira norte-americana, a pegada do homem no solo arenoso do satélite. Estamos diante da mais longínqua conquista da humanidade na sua ainda tímida exploração do cosmos. De súbito, a terra lunar é tragada por uma sombra gigantesca que obscurece os troféus do feito humano. Diante de uma intensa vibração, a pegada do astronauta se desfaz. A imensa nave alienígena passa pela Lua e continua sua jornada até o planeta Terra.

Em solo americano, os cientistas se deparam com um estranho sinal de rádio e com a imagem no radar do que parece ser um gigantesco meteoro em rota de colisão com a Terra. O técnico que identifica o primeiro sinal da ameaça ouve, pelo rádio, a música “It’s the end of the world as we know it”, da banda REM.

Enquanto os militares tentam descobrir do que se trata, somos apresentados aos dramas humanos da história. O ex-cientista ecologicamente correto que trabalha como técnico de TV a cabo e não consegue superar o fim do casamento com a assessora de imprensa do Presidente, o piloto de caça dividido entre casar com uma stripper ou ser astronauta, o alcoólatra que tem problemas em manter o emprego de piloto de pulverização e, é claro, o presidente norte-americano, bom pai e marido, que sofre com as críticas da oposição, que critica sua pouca idade.

Quando finalmente as espaço-naves revelam-se sob os céus das principais cidades do planeta, a população mundial divide-se em temor e euforia. Alguns preparam-se para dar boas vindas para os visitantes espaciais, outros saqueiam e fogem. Após muita insistência o operador de TV a Cabo / ecologista consegue convencer a ex-mulher e o presidente da iminência do ataque alienígena. A Casa Branca é evacuada segundos antes da fatalidade. Ao redor do mundo, os raios

mortais dos discos voadores transformam as principais cidades em escombros. Assim acaba o dia 2 de julho.

Emmerich costuma posicionar no primeiro “plot point” a maior parte das cenas de destruição de seus filmes. Desta forma, ele estrutura sua narrativa dentro da tradicional fórmula hollywoodiana. Primeiramente, ele mostra a ameaça e dá idéia da sua relevância. A nave do invasor é tão grandiosa, tão poderosa, que sua mera passagem sobre a lua é capaz de obscurecer o maior dos feitos humanos. A seguir, ele apresenta seus heróis e seus conflitos pessoais. O cinema de Emmerich retrata o conflito universal como uma espécie de “detonador *Deus ex Machina*”¹⁴, iniciando as jornadas de seus heróis rumo não apenas à sublimação dos desafios globais e à vitória sobre os antagonistas, mas também à realização de suas próprias contendas. Da mesma forma que o técnico de TV a cabo / ecologista precisa avisar o presidente sobre a ameaça extra-terrestre, mas ele também quer confrontar a ambição de sua ex-mulher – que o abandonou pelo trabalho – com seu idealismo romântico. E, em todos os personagens, a catástrofe da provável eliminação de vida na terra será o elemento causador da epifania que resolverá seus próprios conflitos.

A esta altura, já conhecemos o time de protagonistas da narrativa. Temos o jovem guerreiro e pai de família interpretado por Bill Pulman, o presidente dos EUA. Ex-piloto durante a Guerra do Golfo, foi eleito a partir da imagem de herói de guerra. Ele será escoltado por dois sub-heróis. David Levinson, vivido pelo ator Jeff Goldblom, é o técnico de TV a cabo com currículo de cientista e perfil de ecologista radical. Finalmente, temos Will Smith no papel de piloto de caça que sonha com a carreira de astronauta. É importante notar a ascendência destes personagens. O piloto, representante das forças armadas, é negro. O cientista Levinson é judeu. O presidente, branco, democrata. O fator multi-racial presente na composição no time dos heróis, além dos seus apoiadores – americanos de baixa renda, marginalizados e de ascendência indígena - busca representar uma amostragem da nação norte-americana. Enquanto o noticiário apresentado no filme busca globalizar os aspectos do ataque alienígena, os personagens representam as diversas facetas da América, nacionalizando o conflito humano e

¹⁴“O Deus ex Machina representa a intervenção inesperada e providencial de uma personagem ou de alguma força qualquer capaz de desenredar uma situação inextricável.” (PAVIS, 2003:92)

universalizando o antagonista. Ora, em “A Guerra dos Mundos”, o filme originado da mitologia homônima, os relatos da invasão vindos de outras partes do mundo também eram apresentados. No entanto, a diferença está justamente nessa composição dos heróis. Enquanto “Guerra dos Mundos” apresenta o governo norte-americano – na figura dos militares e de uma equipe de cientistas¹⁵ - “Independence Day” conta a história do vitorioso contra-ataque das forças humanas (norte-americanas) após a derrota das forças armadas.

O dia 3 de julho amanhece com o primeiro contra-ataque das forças norte-americanas. O exército lança um ataque às naves extra-terrestres. No entanto, a superioridade tecnológica dos alienígenas se faz presente. Suas naves tem campos de força intransponíveis, são mais ágeis, velozes e tem maior poder de fogo. O aparato tecnológico humano simplesmente não dá conta de fazer frente ao armamento invasor. Aqui reside o cerne da questão ficção científica do americano médio: o que aconteceria no dia em que nossos inimigos superassem nossa força bélica? Tal questionamento funcionou muito bem durante a guerra fria e manteve os EUA investindo seriamente em sua indústria de guerra. No filme, essa indústria soçobra diante do invasor superior. A única baixa no front alienígena é causada por Will Smith que utiliza-se da malícia típica do ser-humano, cegando o piloto extra-terrestre com o pára-quedas do seu F-16. Smith e o ET juntam-se a Levinson e a comitiva do presidencial na Área 51, base norte-americana famosa pelo lendário resgate de um disco-voador nos anos 50. Aqui nos serão apresentados mais completamente tanto o vilão quanto o antagonista de “Independence Day”.

O vilão, é claro, é o alienígena detido por Will Smith. Em contato telepático com o presidente, seus objetivos são esclarecidos. Não vieram buscando a paz ou qualquer tipo de intercâmbio cultural. Querem o extermínio da raça humana para, a partir daí, se apossarem da Terra. Nas palavras de Bill Pullman, “são como gafanhotos. Vão de planeta em planeta esgotando os recursos naturais e mudando para um novo”. No entanto, não ouvimos isso da própria boca do invasor. Ele não tem boca - quanto mais cordas vocais - e só se comunica

¹⁵Cabe aqui uma curiosa observação da representação da mulher em “A guerra dos mundos” e em “Independence Day”. Enquanto a namorada de Will Smith percorre os escombros de Nova York salvando os sobreviventes, a namorada do herói de “A guerra dos mundos” serve café e biscoitos no bunker do comando militar norte-americano. Entre as duas narrativas, quarenta anos e uma revolução sexual reposicionaram o papel da mulher – também – na ficção científica.

invadindo as mentes dos seus interlocutores. Pode-se dizer, então, que só conhecemos os planos dos invasores através do discurso do presidente. O que é, mais ou menos, o jeito como a América é informada a respeito das intenções dos adversários da América na vida real. De qualquer forma, a partir dessa informação e da sumária execução do piloto alienígena, o presidente decide dar ouvidos ao antagonista Secretário de Defesa dos Estados Unidos e usar bombas nucleares contra os discos voadores.

Como já dissemos, o antagonista não precisa ser, necessariamente, um inimigo do herói. Pode ser um aliado que tem pontos de vistas diferentes sobre como alcançar o objetivo comum de ambos. O Secretário de Defesa em questão é o nosso antagonista. Ele quer, como todos os seres humanos presentes, exterminar a ameaça alienígena. No entanto, suas sugestões são normalmente precipitadas e erráticas. Sua única resposta para o problema é, desde o ataque inicial, a bomba nuclear. Ele ainda escondeu do presidente as informações sobre a nave capturada nos anos 50 para que as negativas presidenciais sobre o fato fossem “negações plausíveis” e não alertou as frotas de caças sobre os escudos de força das frotas inimigas. Combinando incompetência, covardia e truculência, ele é a voz destoante dentro do comando da resistência. É preciso que o presidente se confronte com o horror das intenções alienígenas para, tomado de medo e asco, acate sua sugestão nuclear.

Quando a bomba explode sobre a nave estacionada em Houston sem causar-lhe um arranhão sequer, o Secretário de Defesa não se faz de rogado. Aconselha o presidente a jogar outra bomba - este, obviamente, declina do convite - e questiona ponto a ponto a eficácia do plano apresentado por Livenson. À essa altura é demitido. Durante o ataque final, juntar-se-á às crianças no bunker, apavorado, rezando por sua vida.

Esta representação do antagonista como a maçã podre no convívio com os heróis procura catalizar as concepções negativas que orbitam as instituições representadas - militares, governo americano - em torno de um único personagem. Neste caso, o incompetente Secretário de Defesa funciona como um filtro que absolve os militares e o presidente dos pecados normalmente atribuídos a eles. Em “Independence Day”, em vez de competir com o herói, o antagonista o purifica dos resíduos que o inconsciente coletivo possa imprimir à imagem da

instituição que este representa. Ficam justificadas, assim, as atitudes desastrosas do exército norte-americano também na vida real. É resultado da culpabilidade de indivíduos e fatos isolados, sem qualquer relação com os heróis e suas instituições. Emmerich e boa parte do cinema de ficção científica norte-americano utilizam essa representação do antagonista, uma espécie híbrida entre testa de ferro e bode expiatório, para impedir que a imagem do herói seja maculada. Todas as decisões equivocadas que o presidente toma durante o filme são fruto da sugestão – quando não da insistência – do Secretário de Defesa; este comporta-se como um Yago, envenenando Otelo e induzindo-o ao erro. Mas, diferentemente do personagem Shakespeareano, não se trata de uma tentativa de vingança ou de aniquilação do herói. É, unicamente, uma representação da incompetência da instituição catalizada em um único personagem, de forma que esta possa ser extirpada e punida no momento crucial em que as instituições norte-americanas precisam renascer das próprias cinzas e salvar a humanidade. Sentado no chão, tremendo de medo junto às crianças, enquanto os adultos se lançam ao combate, o Secretário de Defesa – humilhado e indefeso – é a purgação da culpa das instituições americanas.

Ainda para o dia 3 de julho, outras surpresas nos aguardam. A striper salvadora, namorada de Will Smith, salva a primeira dama dos destroços do helicóptero presidencial gravemente ferida. Com a ajuda de Smith, ela chega à Área 51 a tempo de despedir-se de seu marido e sua filha. Finalmente, ela morre. A representação da primeira dama é particularmente interessante. Ela é sempre retratada em uma viagem, preocupada com coletivas de imprensa e outros compromissos da agitada rotina de uma esposa de presidente. Por outro lado, o presidente aparece deitado na cama, ao lado da filha, falando com a esposa ao telefone e reclamando de sua ausência. Em sua próxima aparição, ele estará tomando café da manhã vestindo um hobby de seda e lendo o jornal, como um bom pai de família. Mais que isso, em várias oportunidades, a primeira dama o chama carinhosamente de mentiroso, sempre que ele tenta esconder dela pequenos inconvenientes que poderiam aborrecer sua amada, como a filha que foi dormir muito tarde ou a irreversível hemorragia que vai matar sua esposa em poucos minutos. Até aqui, o presidente foi o bom pai que mente para proteger seus entes

queridos.¹⁶ Com a morte da primeira drama que, segundo Rowlands, “sobrepaja todos estes momentos no quesito hipocrisia enojante e doentia, e acredito que poderíamos ter sido legitimamente poupados disso.” (ROWLANDS, 2005:167), o presidente vai se despir da imagem de bom pai e vestir a de jovem líder guerreiro.

O dia termina com Lavinson, o judeu ex-cientista / técnico de TV a cabo / ecologista tendo o insight de como contornar as dificuldades impostas pela tecnologia superior alienígena. O resultado não está em desenvolver armas mais potentes capazes de penetrar o sofisticado sistema de defesa. Ao invés disso, ele pretende repetir a estratégia de Will Smith e combater a tecnologia alienígena com a utilização de um vírus de computador para neutralizar as defesas dos discos voadores.

Em “A guerra dos mundos” - que até o momento tinha sido fielmente seguido - os alienígenas são derrotados não por vírus, mas por bactérias existentes na atmosfera às quais o homem é imune graças a milênios de evolução. O texto de H.G. Wells atribui a Deus o inesperado desenlace, num caso clássico e quase literal de “Deus ex Machina”. Emmerich desloca o mérito da salvação da Terra da sapiência divina para a perspicácia humana. E poucas formas de combate são mais características da raça humana quanto a sabotagem. Assim, com um plano em mente, os EUA comunicam (e convocam) o resto do mundo através do antigo telégrafo. Mais uma vez, o antigo e tradicional não pode ser maculado pela inovação que asfixia o contemporâneo. O resto do mundo, em todas as possíveis estereótipos (russos bebendo vodka, japoneses frios e formais, etc.) respondem prestativamente. Há, inclusive, uma base de resistência no Oriente Médio que é composta por israelenses e palestinos juntos. Diante de um novo inimigo que é uma ameaça comum, a humanidade esquece suas diferenças e se reposiciona além das noções de nação e estado para dentro da questão de espécie. A única distinção que permanece é o papel norte-americano de polícia salvadora de um mundo atônito que assiste sua própria aniquilação através dos escombros. São espectadores da própria história, guiada pela nação-rei. Note que não estamos

¹⁶Embora seja extremamente tentador estabelecer tal relação, o escândalo Clinton-Lewinsky não chega à mídia até 1998. No entanto, o democrata era o jovem presidente em 1996 e, segundo Lewinsky, o caso entre os dois já havia começado. Vale lembrar que Emmerich assistiu ao próprio filme ao lado de Clinton, dentro da Casa Branca, alguns meses depois da estréia. A cena da explosão da sede do governo americano deve ter adquirido um aspecto absolutamente singular para aquela audiência restrita.

falando dos EUA em toda a glória de seu poderio militar. Pelo contrário, os últimos embates contra as forças invasoras devastaram as defesas norte-americanas, que simplesmente não tinha mais contingente de pilotos para executar o contra-ataque decisivo. Num ato de desespero, as forças armadas dos EUA começam a recrutar qualquer pessoa com um mínimo de experiência de vôo. Aí entra em cena o povo marginalizado da América. Os “red necks”, os veteranos do Vietnã, os desempregados e outros marginalizados que acampavam em torno da Área 51 recebem, em horas, um treinamento de duraria anos para serem a nova força aérea americana. Nem nos mais selvagens sonhos de Marx ele conseguiria imaginar o povo pegando em armas e lutando contra as forças opressoras de forma tão hilariante¹⁷. É a união de raças, camadas sociais, ideologias e ascendências que formam o povo americano o verdadeiro exército salvador do mundo.

No amanhecer de 4 de julho, dia da Independência dos EUA, sobre a clássica tomada da bandeira Americana flamulando contra o sol, o presidente, vai até a frente do angar dirigir-se às tropas de cidadãos americanos até então marginalizados e, tal qual os habitantes dos burgos em torno dos feudos europeus, enviados para a morte certa desta cruzada intergaláctica. Seu discurso, transcrevo na íntegra:

“Bom dia. Em menos de uma hora, aviões daqui e de todo mundo farão a maior batalha aérea da história da humanidade, palavra que vai ter um novo significado a partir de hoje. Não lembraremos mais de nossas diferenças. Estaremos unidos por interesses comuns. Talvez seja pelo destino que hoje, 4 de julho, estaremos mais uma vez lutando pela nossa liberdade. Não contra a tirania e a perseguição. Mas contra a extinção. Estamos lutando pelo nosso direito de existir. Ao ganharmos, o 4 de julho não será mais uma data americana. Mas será o dia em que o mundo inteiro declarou que não silenciara noite adentro, não desaparecerá sem lutar. Nós vamos continuar vivendo, vamos sobreviver. Hoje será o nosso dia da independência” (Bill Pullman – Independence Day, 1996).

¹⁷Originalmente Russel Taylor, o caipira alcoólatra interpretado por Randy Quaid, pilotou seu avião pulverizador de lavouras na batalha final, pois a base o havia rejeitado como piloto. Ele aparece com um míssil amarrado em seu pulverizador e vôa com seu avião para dentro da nave alienígena. Quando esta cena, que pretendia ser emocionante, foi exibida para as platéias-teste, foi recebida com gargalhadas infindáveis. Emmerich decidiu refazer a cena.

Assim, o presidente de Pullman reafirma sua posição de líder (único) do mundo e de sua motivação cristã de ressuscitar seu exército no terceiro dia e ascender aos céus em toda a glória da nação americana para salvar a humanidade¹⁸. Proferida a tradicional ovação pública ao som de uma trilha sonora grandiloqüente (O compositor David Arnold reutilizou alguns dos acordes de seu trabalho anterior “The Young Americans” de 1993), Pullman veste seu macacão de piloto: “eu nasci para estar no céu”, diz ele. E pela primeira vez na história dos EUA, um presidente vai conduzir pessoalmente o ataque contra as forças inimigas. Se desconsiderarmos a inverossimelhança do ato, em termos dramáticos, essa atitude mantém o presidente no papel de herói. Se ele tivesse ficado na segurança do bunker na Area 51, ele teria assumido uma outra função dramática, provavelmente de mentor do herói. Nesse caso, o posto seria, provavelmente, assumido por Will Smith, uma vez que Levinson é ex-cientista / técnico de TV a Cabo / ecologista mas não é piloto e sofre de enjôos em vôos domésticos. Além de deixar a jornada de herói do presidente incompleta, ainda conferiria este trabalho a um personagem negro, o que seria visto com maus-olhos nos Estados do Sul dos EUA¹⁹. Sem que quaisquer perguntas lhe sejam feitas, o presidente assume o lugar mais coerente para um mandatário único de um país em guerra (o vice morreu nos primeiros ataques e o congresso virou uma bola de fogo), a na linha de frente do combate.

O que se segue agora é uma opulenta demonstração alta tecnologia em cenas de ação. Raios, mísseis, explosões, efeitos visuais revolucionários à época (Oscar de Efeitos Visuais em 1997). No fim, obviamente, com o sacrifício de Russel Taylor por sua família (e pela humanidade, por consequência), a nave alienígena é destruída. No espaço, o vírus e a bomba que Levinson e Smith plantaram com o auxílio da antiga nave resgatada na Área 51, faz com que a nave-mãe alienígena exploda em bilhões de destroços. Pedacinhos de metal que, ao entrar em contato com a atmosfera, entram em combustão, traçando o céu azul do deserto norte-americano com listras brancas e vermelhas. De volta à Terra, Will

¹⁸A título de curiosidade, o discurso do presidente foi filmado em 6 de agosto de 1995, em frente de um velho angar de aviões. Esse mesmo angar costumava guardar o famoso bombardeiro Enola Gay, que jogou a bomba atômica em Hiroshima exatamente 50 anos antes em 6 de agosto de 1945.

¹⁹A produção do filme recebeu centenas de cartas de organizações e de cidadãos norte-americanos tecendo indignados comentários sobre a participação de negros, judeus e índios num filme sobre chamado Dia da Independência.

Smith pega seu enteado nos braços, desfazendo-se da sua natural condição de guerreiro e assumindo um aspecto paternal e lhe diz: “Não lhe prometi fogos no dia da independência?”

Sid Field nos ensina que, para identificar o herói de uma história, devemos buscar aquele que mais aprende e se transforma durante a jornada. Nenhuma mudança pode ser observada no presidente de Bill Pullman. Ele era um piloto de caça antes de ser presidente. Voltou a exercer seu papel de soldado em jornada dupla durante o contra-ataque final. Fez discurso de presidente, liderou as tropas como um militar.

Will Smith sonhava em ser astronauta e teve a oportunidade de pilotar um disco voador. É o máximo que se pode dizer sobre seu personagem. Sua participação é quase o que podemos chamar de “alívio cômico”, um papel de coadjuvância que tem como função levar humor aos momentos de tensão da narrativa. O mais famoso exemplo de “alívio cômico” do cinema é a macaca Chita, fiel companheira de Tarzan. Will Smith não é um herói em seu sentido estrito.

Ficamos com o personagem de Jeff Goldblum, o ex-cientista/ técnico de TV a cabo/ ecologista. Um radical seguidor de seus princípios ecologicamente corretos, ele termina a jornada reatado com sua ex-esposa e fumando um charuto. Seu pai afirma que não é uma atitude saudável. Ele responde: “Posso me acostumar com isso”. Não vemos qualquer transformação digna de um herói em Goldblum.

Nós sabemos que os Ets são vilões. Mas quem é o herói de “Independence Day”? Meu palpite é Russel Taylor. O caipira bêbado, veterano do Vietnã que ganhava a vida pulverizando plantações – sempre que seu estado ético permitia – e que afirmava ter sido vítima de uma abdução pelos mesmos extra-terrestres que agora ameaçavam nossa existência. Seus filhos o tratavam com desprezo e tinham vergonha de suas bebedeiras. Patético, irresponsável e pai relapso, é Taylor quem se sacrifica pela salvação final da raça humana. Ao olhar uma foto de seus filhos, percebe o que precisa ser feito e direciona seu caça numa manobra decisiva e mortal. Taylor entende sua condição de protetor de sua prole e se sacrifica por amor aos filhos numa relevante mudança de comportamento e caráter. Eis o herói de “Independence Day”. Pelo menos o mais bem resolvido deles.

Os alienígenas telepatas derrotados não conseguem nos dizer muito sobre seus credos e suas motivações. São vilões porque o logro de seus intentos dependia, intrinsecamente, da aniquilação dos heróis. A pouca informação que nos é fornecida sobre eles, contudo, estabelece uma curiosa semelhança entre alienígenas e seres humanos. Quando o cientista responsável pelos estudos dos corpos dos Ets na área 51 demonstra seus conhecimentos sobre a espécie, limita-se a dizer que eles, em geral, “não são tão diferentes de nós. Respiram oxigênio, tem semelhantes tolerâncias ao calor e ao frio. Talvez por isso queiram tanto nosso planeta”. Mas os invasores não são apenas semelhantes a nós. Eles são uma alteridade diretamente equivalente. Não só possuem similaridades biológicas, mas comportam-se, em relação à propriedade alheia e aos recursos naturais do planeta de forma semelhante aos atos que a humanidade já realizou em sua história e continua a realizar.

Como os bárbaros, visigodos, espanhóis, portugueses e outros povos que tinham a tradição de saquear e destruir outras nações, os alienígenas comportavam-se como piratas espaciais invadindo e pilhando mundos pelo universo afora. Tal qual os EUA e outras potências mundiais, exploravam a natureza de cada planeta até exaurir seus recursos. O invasor comporta-se como os humanos do passado, consome como os humanos do presente e tem o poder de fogo da tecnologia que sonhamos possuir no futuro. As patriotadas de “Independence Day” formam uma cortina de fumaça vermelha, azul e branca sobre o embate entre o individualismo consumista e os valores burgueses como o amor à família, à nação e à liberdade.

2.3

O Dia Depois de Amanhã

O ano é 2004. O sonho do fim das fronteiras e do conceito de nação prometido pelos teóricos desmorona junto com as torres do World Trade Center. O terrorismo é a nova face da intolerância e faz vítimas além das costumeiras áreas de conflito como o Oriente Médio e os Estados remanescentes do fim da União Soviética. Nos EUA, George W. Bush encampa sua campanha para o segundo mandato baseado na guerra anti-terror. A economia americana encontra-

se estagnada, alicerçando a decisão intransigente do governo Bush de não seguir as determinações do Protocolo de Kioto, que prevê uma gradual redução dos procedimentos de produção que envolvem emissão de gases tóxicos e abuso dos recursos naturais do planeta. A política econômica agressiva e a campanha militar no Afeganistão e no Iraque colocam o presidente Bush e – por consequência – os EUA na desconfortável posição de principal alvo de críticas neste início de século. Alguns falam em declínio do império americano. Os artistas americano de inclinação democrata encampam uma campanha declarada contra a re-eleição de Bush. O polêmico documentário de Michael Moore “Fahrenheit 9/11” percorre o mundo denunciando os demandos da administração democrata diante dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e ganha o prêmio de melhor filme no festival de Cannes.

Diante desse quadro de medo e trauma vivido internamente e repúdio externo, os EUA recebem o novo filme de Emmerich, sobre as consequências dos desmandos da política econômica agressiva norte-americana. O país sofre com os efeitos de uma nova era glacial, fruto do desrespeito às normas de prevenção do aquecimento global.

Algumas pessoas teriam dificuldade de posicionar “O dia depois de amanhã” dentro da ficção científica. Muitos diriam que se trata do que convencionou-se chamar Cinema Catástrofe. E de fato, há elementos desse gênero. Contudo, este filme versa sobre as consequências da utilização indiscriminada dos recursos naturais do planeta, da poluição e da agressiva política de expansão econômica dos países mais desenvolvidos. Esse exercício de previsão do impacto dos avanços da humanidade sobre a natureza e suas consequências é tema da ficção científica. Assim como o horror da criatura de Frankenstein é fruto da violação das leis naturais pela ambição do cientista, os fenômenos meteorológicos que antecipam a nova era glacial na Terra são fruto do aquecimento global e do efeito estufa, dois produtos da poluição que a tecnologia humana produz. Quando as consequências dessa poluição se voltam contra a humanidade e destroem cidades inteiras, estamos lidando com o mito frankensteniano do Prometeu Moderno que é punido pelos deuses por roubar-lhes a chama do conhecimento e pelo mau uso que damos a mesma.

“O Dia depois de amanhã” conta a história do Paleoclimatologista (nome do cientista especializado em padrões de mudança climática na História do planeta), prof. Jack Hall (vivido por Dennis Quaid), que tenta salvar o mundo dos efeitos do aquecimento global ao mesmo tempo que tenta salvar seu filho Sam (Jake Gyllenhaal).

O filme começa com um longo plano sequência de uma tomada aérea de geleiras na Antártida ao amanhecer. Logo vemos um acampamento em meio seção B da geleira Larsen e, após um corte seco, vemos um close up da bandeira norte-americana flamulando face os fortes ventos locais. Emmerich usa a bandeira americana como demarcador de sua história. Ele costumeiramente a enquadra no começo dos primeiros e terceiros atos de seus filmes. Em “Independence Day”, vemos a bandeira americana quando conhecemos a ameaça alienígena sobre a lua (a bandeira é encoberta pela sombra da nave) e a vemos no amanhecer do dia do contra-ataque final das forças americanas. A sobreposição trevas e luz indica o começo e o fim da jornada. Quando a ameaça surge, a bandeira é coberta de sombras. Antes do discurso do presidente, na manhã do dia da independência, ela é iluminada pelo nascer do sol.

Voltando a “O Dia depois de amanhã”, Professor Jack Hall e seus dois assistentes estão escavando a geleira e retirando amostras de gelo para sua pesquisa sobre o aquecimento global. Subitamente, a geleira começa a rachar e Hall é obrigado a arriscar sua vida para salvar suas amostras de gelo. Vemos então a imensa rachadura dividir a geleira em duas. Fomos apresentados à criatura em sua gestação, ou seja, ao começo das mudanças climáticas que castigarão a terra. De acordo com Syd Field, todos os principais ingredientes da trama são apresentados no Ato I (FIELD, 2002:110). Desta forma, antes dos primeiros 10 minutos de filme, já conhecemos o herói Jack Hall e sua abnegação por preservar seu trabalho – que o leva a saltar um penhasco aberto pela rachadura no gelo – e também fomos apresentados ao estágio embrionário da ameaça que ele vai combater: súbitas e violentas mudanças climáticas.

De lá, seguimos para a Conferência Mundial sobre Aquecimento Global da Onu em Nova Deli (onde, por incrível que pareça, está nevando. Ainda que ninguém pareça dar muita bola a isso naquele momento.) Hall está explicando aos líderes mundiais que aquelas amostras de gelo que ele arriscou-se para salvar

ofereceram prova irrefutável de que o aquecimento global nos levará a uma nova era glacial. Os líderes da Arábia Saudita, Turquia e outros países que possam ser identificados através de seus chapéus engraçados mostram-se preocupados e interessados pelo alerta de Hall. O Vice-presidente norte-americano (incrivelmente semelhante ao verdadeiro vice) mostra-se cético. “Nossa economia é tão frágil quanto o ambiente”, diz ele. “Quem pagará pelo Protocolo de Kyoto?”. Durante todo o filme, Emmerich brincarà com os esteriótipos. Assim como na reunião na ONU os mais razoáveis líderes eram os de aspecto mais pitoresco (para o gosto do público americano, claro), na seqüência seguinte, no centro de pesquisas climáticas de Headland, Escócia, vemos um jovem negro dormindo e roncando. Ao ser acordado pelo companheiro branco, ele revela um sotaque inglês britânico casto, ao invés do inglês americano sulista e carregado de gírias que esperamos dele. Na seqüência seguinte, uma chuva de granizo no Japão mata um cidadão que bebia no bar, mentindo para a esposa que tinha ficado até mais tarde no escritório, num outro exemplo de anti-estereótipo.

A partir deste ponto, vamos acompanhar o agravamento das condições climáticas ao redor do mundo, conhecer a ex-mulher e o filho de Hall, um pai ausente que coloca o trabalho a frente da família. Esse, como percebemos, é um tema recorrente para Emmerich. O conflito entre a dedicação ao trabalho ou à família está sempre permeando seus filmes. Mesmo em “The Patriot”, que não é uma ficção científica, o militar vivido por Mel Gibson evita engajar-se na guerra para proteger seus filhos. Em “Independence Day”, o personagem de Goldblum sofre com a esposa que o abandonou para ser assessora do presidente americano. Em “Godzilla”, a namorada do herói faz o mesmo. E, em todos esses filmes, a presença do fator exterior servirá como catalizador da mudanças desses conflitos familiares. Os monstros, invasores ou cataclismas mundiais vão aproximar as pessoas e reorganizar as prioridades de suas vidas, com o amor e a família em primeiro lugar.

Após sermos apresentados aos amigos do filho de Jack Hall, que participam de um campeonato de conhecimentos gerais em uma escola em Nova York e seu amor adolescente não correspondido por sua companheira de equipe, dá-se início à seqüência de eventos catastróficos que culminarão no primeiro plot point da narrativa. Furacões destroem Los Angeles, varrem o letreiro de

Hollywood do mapa assim como o aeroporto da cidade. Somos informados da situação pelos informes do canal de notícias Fox, do grupo 20th Century Fox, o estúdio que produz “O Dia depois de amanhã”. É curioso observar que a Fox é tida como simpatizante ao governo Bush e à política do partido republicano²⁰, que endorsa as posições anti-ecológicas que, de acordo com os ambientalistas, resultariam nos eventos narrados no filme. A cena em que somos apresentados ao presidente norte-americano exibe um mandatário alienado e fraco, vestindo roupas esportivas e boné. Com um ar apalermado, ele pergunta a seu vice “O que está acontecendo?”, como se tivesse acabado de voltar de férias²¹. O vice, por sua vez, parece estar no controle da situação. “O que você acha que devemos fazer?” pergunta o atônito presidente, diante do centrado e obstinado vice. De fato, estamos diante do verdadeiro antagonista da história. O vice-presidente norte-americano, um republicano conservador (como seu alter-ego Cheney e o estúdio que produz o filme, a Fox), cujas preocupações com o crescimento econômico são muito mais presentes do que com o meio ambiente, ignora as recomendações dos cientistas a respeito das consequências de sua agressiva política de exploração dos recursos naturais e descontrole das taxas de poluição ambiental. Ele é o contemporâneo Dr. Frankenstein, que considera que a glória de suas realizações está num patamar superior ao respeito pelo meio ambiente. Aos seus olhos, refrear a economia em detrimento da preservação da natureza é temerário quanto aceitar a inevitabilidade da morte como um tabu a não ser tocado era para o cientista de Mary Shelley.

Tal qual o cientista gótico, o vice acredita que está tomando todas as providências necessárias para lidar com o problema de forma adequada. Frankenstein rejeita seu monstro, na esperança que as agruras do mundo se encarreguem de destruí-lo. Nosso vice-presidente lida com os dramáticos acontecimentos com relativo menosprezo. Acredita se tratar de uma grande tempestade, não mais que isso. Diante da sugestão de Hall de criar um plano de evacuação, ele se nega a ouvi-lo pela segunda vez, desde Nova Deli. O fará pela

²⁰O canal Fox é acusado, inclusive, de ter uma grande parcela de responsabilidade nos duvidosos resultados da eleição que levou Bush à Casa Branca, como podemos observar no filme “Fahrenheit 9/11”, de Michael Moore.

²¹Durante o primeiro governo de George W. Bush, a crítica de que o presidente mais se divertia do que governava era comum, assim como suas imagens jogando golfe, participando de caçadas a animais, etc.

terceira vez, quando, diante do presidente, Hall sugere que os habitantes dos Estados ao sul dos EUA sejam evacuados para o México. “Talvez você devesse se manter na ciência e deixar a política conosco”, pragueja o vice-presidente. Eis que o presidente decide acatar a recomendação do cientista e dá ordem para a evacuação de metade do país.

Com a impressionante seqüência da inundação de Nova York, concluímos o plot point I. O filho de Hall está preso na biblioteca pública de Manhattan, os americanos ao sul estão sendo evacuados para o México e Hall começa sua jornada buscando salvar seu filho na terrível nevasca que devolverá o mundo à Era Glacial.

A idéia de Era Glacial é, em si, sugestiva. Em se tratando de um fenômeno climático pré-histórico, admitir que o abuso dos recursos naturais bem como o descaso com a emissão de poluição nos remeteria ao passado pré-histórico, ao invés do progresso e da evolução almejados é um raciocínio extremamente crítico em relação a política expansionista dos países industrializados e do capitalismo moderno como um todo. Nota-se um hiato entre a corrida tecnológica como forma de proteção do ideário liberal presente nos filmes de ficção científica que se utilizam da mitologia do invasor e o receio das conseqüências dos efeitos colaterais deste mesmo avanço.

A mais interessante característica da criatura em “O Dia depois de Amanhã” – o advento da Nova Era Glacial em si - é sua conveniente precisão geográfica. O congelamento atinge, prioritariamente, os países ao norte do globo e dos EUA. Precisamente a região mais industrializada e ecologicamente incorreta do planeta e os maiores responsáveis pelos abusos que culminaram nos eventos da catastrófica mudança climática. Desta forma, o jogo geo-político do planeta sofre uma curiosa inversão. Os países ao sul, sub-desenvolvidos e historicamente explorados pelos países do norte são agora colocados como rota de fuga aos seus antigos exploradores. O México, por exemplo, cuja fronteira com os EUA sempre foi visto como a solução dos problemas dos imigrantes ilegais que arriscam suas vidas tentando uma vida melhor na América, agora passa a ser a solução dos problemas dos imigrantes ilegais que fogem do congelamento terrestre tentando alcançar terras mais próximas dos trópicos. A primeira conseqüência é hilária. O noticiário da Fox mostra milhares de americanos cruzando desesperadamente o rio

Grande, tentando entrar em território mexicano. As autoridades do México, por sua vez, fecham as fronteiras, exatamente como as americanas faziam aos seus imigrantes. O impasse diplomático só é resolvido quando o vice-presidente norte-americano perdoa a dívida externa dos países da América Latina em troca da acolhida dos seus cidadãos refugiados. Emmerich faz, através dessa cena, um mea culpa da responsabilidade dos países do primeiro mundo em relação à degradação da Terra. De qualquer forma, é uma crítica velada, que assistimos através dos monitores de TV sintonizados na Fox enquanto acompanhamos o drama humano-familiar que parece ser fundamental ao diretor. A ex-mulher de Hall e a luta para salvar um pequeno garoto vítima de câncer e esquecido pelos pais no hospital onde ela trabalha. A luta pela sobrevivência do filho de Hall; sua amada e os demais remanescentes da biblioteca; a jornada de Hall rumo ao olho da tempestade e ao resgate de seu filho em Nova York

Enquanto isso, na biblioteca pública de Manhattan, o filho de Hall e seus amigos se preparam para enfrentar a nevasca. Precisam acender uma lareira para manter o aquecimento e sobreviver. O combustível natural são, claro, livros. Começa aqui um interessante debate sobre quais livros devem ou não ser queimados, numa mistura de “Fahrenheit 451” de Ray Bradbury e da Arca de Noé, decidem quais autores e obras são dignos de figurar entre as remanescências do ocaso humano. O acordo chega através do descobrimento de uma seção de livros fiscais. A conclusão do grupo de sobreviventes intelectuais: do conhecimento produzido pelo ser humano, a economia é o saber que deve ir pra fogueira.

Um outro momento de resgate de valores morais acima das questões econômicas acontece na biblioteca. Um mendigo, também refugiado, ensina a um jovem filho de milionários como utilizar papel sob as roupas, na forma de um isolante térmico. No estado crítico de sobrevivência, são eliminados os abismos sociais e o bem comum prevalece. E diante do quadro de infecção em um corte em sua perna, a jovem namorada do filho de Hall adoece e seus amigos organizam uma busca por penicilina em um navio russo encalhado a alguns metros da biblioteca. Nesta missão de salvamento, eles confrontar-se-ão com lobos fugidos do zoológico de Nova York. A representação do lobo nos remete à afirmação de Hobbes “Homo homini lupus” ou, o homem é o lobo do homem. Estes animais

representam a ameaça que o próprio homem representa para a humanidade ao desconsiderar a reação das forças da natureza às agressões cometidas contra ela.

Durante o embate com os lobos, o vórtice da tempestade se abre sobre Nova York. A temperatura cai abruptamente, congelando o que quer que se encontre desprotegido em seu caminho. Neste momento, Emmerich nos apresenta a sua segunda bandeira americana. Ela flamula na neve e, subitamente, pára. A seguir, observamos a bandeira congelar no seu mastro, representando a supremacia da natureza diante da arrogância nacionalista norte-americana. Se em “Independence Day” a bandeira que anunciava o fim do segundo ato flamulava no amanhecer da batalha que levaria a vitória, esta expressa o sentimento de derrota e impotência de uma nação diante da irresponsabilidade de seus atos. A bandeira congelada se torna o pano de encerramento do segundo ato mais politicamente crítico da obra de Emmerich até o momento.

Enquanto espera pelo fim da tempestade, Hall conversa com seu companheiro de viagem. Ele pergunta se a humanidade sobreviverá às intempéries da nova Era Glacial. “Já sobrevivemos à primeira, seremos capazes de sobreviver a esta. Depende se vamos aprender com nossos erros. Eu estou tentando aprender com os meus.” O seu escudeiro alega que ele não é responsável pela mudança no clima. E Hall responde: “Estava falando do meu filho”. Mais uma vez, Emmerich reitera a catástrofe como uma metáfora para o conflito familiar. A busca pelo filho em meio à Era Glacial é o símbolo para o distanciamento entre pais e filhos que ele afirma pretender debater aqui, da mesma forma que o embate contra os invasores de “Independence Day” pretendia questionar o posicionamento da humanidade através da alteridade alienígena.

O terceiro ato começa com Hall e seu companheiro de jornada se aproximando da Estátua da Liberdade, semi coberta em neve, congelada mas ainda imponente, diante do tempo que melhora e se abre diante do sol nascente. Ao chegar na biblioteca, totalmente tomada pela neve, Hall reencontra seu filho e cumpre sua promessa de resgatá-lo do isolamento que os separava. Isolamento físico e emocional

De volta à embaixada americana no México, nova sede do governo dos EUA, o novo presidente – o antigo morrera num desastre de helicóptero ao deixar Washington, embora esta imagem não nos seja mostrada – recebe a notícia do

sucesso da empreitada de Hall e manda uma equipe de resgate em helicópteros buscas os sobreviventes ao Norte. As cenas do resgate são recobertas pela “Voice Over” do discurso de posse do novo presidente norte americano, que eu transcrevo na íntegra neste momento:

“As últimas semanas deram a todos nós um profundo senso de humildade diante do poder destrutivo da natureza. Por anos, nós trabalhamos sob o credo de que poderíamos continuar consumindo os recursos naturais de nosso planeta sem conseqüências. Nós estávamos errados. Eu estava errado. O fato de que minha primeira mensagem para vocês vêm de um consulado em solo estrangeiro é uma prova da nossa mudança de realidade. Não apenas americanos, mas pessoas ao redor do mundo são agora hóspedes de nações que até então chamávamos de ‘terceiro mundo’. Em nossa hora de necessidade eles nos acolheram e nos abrigaram. E eu sou profundamente grato por sua hospitalidade...” (EMMERICH, THE DAY AFTER TOMORROW, 2004)

“O Dia depois de amanhã” termina com os astronautas na estação espacial olhando pela janela e comentando que jamais haviam visto um céu tão claro. Vemos então o planeta Terra, límpido em seu azul oceânico, com os países do hemisfério norte recobertos de um branco límpido, como se purificados de seus pecados e redimidos de seus erros.